

Carolina Maria de Jesus

QUARTO DE  
DESPEJO *DIÁRIO DE  
UMA FAVELADA*

edição comemorativa (1960 - 2020)



editora ática

*Quarto de despejo: diário de uma favelada - Edição comemorativa*

© Carolina Maria de Jesus, 2020

<b>Presidência</b>	Mario Chio Júnior
<b>Direção de Operações</b>	Alvaro Claudino dos Santos Junior
<b>Direção Editorial</b>	Daniela Lima Villela Segura
<b>Gerência Editorial e de Negócios</b>	Carolina Tresolavy
<b>Gerência Editorial</b>	Fabio Weintraub
<b>Coordenação Editorial</b>	Laura Vecchioli
<b>Edição</b>	Kandy Saraiva e Juliana Muscovick
<b>Colaboração</b>	Andreia Pereira
<b>Projeto Gráfico e Diagramação</b>	Nathalia Laia
<b>Ilustração de Capa</b>	No Martins
<b>Planejamento e Controle de Produção</b>	Flávio Matuguma, Juliana Batista e Juliana Gonçalves
<b>Revisão</b>	Marília Bellio
<b>Iconografia</b>	Claudia Bertolazzi (coord.), Jad Silva (pesquisa iconográfica) e Fernanda Crevin (tratamento de imagens)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977  
Quarto de despejo : diário de uma favelada / Carolina Maria de Jesus ; ilustração de No Martins. -- 1. ed. -- São Paulo : Ática, 2020.  
264 p.

Edição comemorativa (1960 - 2020)  
ISBN 978-85-08-19655-5

1. Jesus, Carolina Maria de, 1914-1977 - Diário 2. Negras - Brasil - Biografia 3. Favelas - São Paulo (SP) - Condições sociais 4. Negras - Brasil - Condições sociais I. Título II. Martins, No

20-4487

CDD 920.72

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

CL 525078

CAE 733581

2020

1ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:



**editora ática**

Direitos desta edição cedidos à Somos Sistemas de Ensino S.A.

Av. Paulista, 901, Bela Vista - São Paulo - SP - CEP 01310-200

Tel.: (0xx11) 4003-3061

Conheça o nosso portal de literatura Coletivo Leitor:

[www.coletivoleitor.com.br](http://www.coletivoleitor.com.br)

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
PREFÁCIO	09
O DIÁRIO DE CAROLINA MARIA DE JESUS (15 de julho de 1955 a 1 de janeiro de 1960)	19
FORTUNA CRÍTICA (breve seleção: 1962-2020)	179
1962 — O diário de Carolina, por Alberto Moravia	181
1977 — Luzes no quarto de despejo, por Otto Lara Resende	187
1983 — Trabalho, pobreza e trabalho intelectual (o <i>Quarto de despejo</i> , de Carolina Maria de Jesus), por Carlos Vogt	191
1993 — A atualidade do mundo de Carolina, por Audálio Dantas	201
1995 — A leitora no quarto dos fundos, por Marisa Lajolo	205
1998 — Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio, por José Carlos Sebe Bom Meihy	217
2014 — A proposta estética em <i>Quarto de Despejo</i> , de Carolina de Jesus, por Elzira Divina Perpétua	233
2020 — Dicção e devir em Carolina Maria de Jesus, por Fernanda Miranda	245
CAROLINA MARIA DE JESUS A vida, a obra e as ideias da autora de <i>Quarto de despejo</i>	255
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	262
OBRAS DA AUTORA	263
SOBRE O ILUSTRADOR	263



## A MÃO DE CAROLINA

*fere a sintaxe. Tanto engenho  
em sua arte mas livro após livro  
insistem em falar sobre o lixo  
e a coragem de uma estranha  
que escreve, apesar do cânone.  
Apesar da fome e dos bichos  
que servem ao escritor-pose  
para dizer — “é o caos”.  
Apesar da entrada de serviço,  
do país e da sífilis. Apesar de  
a mão contesta o esquecimento.  
Quem a ler, leia sob o impacto  
dos nervos, leia-se: preparado  
para o desvio que faz os vivos.  
— A mão que suporta o verbo  
não deveria ceder ao comércio.  
Espera-se dela, ontem e agora,  
algo mais que receber prêmios.  
A mão carolina  
escreve em acusação sem volta.*

Edmilson de Almeida Pereira  
(em E. São Paulo: Patuá, 2017, p. 45)



# 60 ANOS DE UM CLÁSSICO

Sobre esta edição comemorativa

O cotidiano da favela já foi contado por diversos autores, de diferentes maneiras. Neste livro, a perspectiva é outra: é a de quem vive na favela, mais especificamente a de uma catadora de papel que só pôde chegar até o segundo ano do Ensino Fundamental.

*Quarto de despejo: diário de uma favelada* é uma edição dos diários de Carolina Maria de Jesus, migrante de Sacramento, Minas Gerais, mãe solo e moradora da primeira grande favela de São Paulo, a Canindé, que foi desocupada em meados dos anos 1960 para a construção da Marginal Tietê.

O livro relata a amarga realidade dos favelados na década de 1950: os costumes de seus habitantes, a violência, a miséria, a fome e as dificuldades para se obter comida. O tempo passou, a cidade cresceu, mas a realidade de quem vive na miséria não mudou muito. Isso faz do relato de Carolina uma obra atemporal, sempre emocionante.

*Best-seller* traduzido para treze línguas, *Quarto de despejo* também é um referencial importante para estudos culturais e sociais, tanto no Brasil como no exterior.

Para comemorar os 60 anos de existência da obra, a Editora Ática organizou esta nova edição, que, além do texto agudo e comovedor da autora, inclui uma seleção de prefácios, ensaios acadêmicos e artigos de jornal que revelam um pouco da recepção crítica da obra ao longo de mais de meio século. Tal seleção reúne a visão de escritores estrangeiros, como Alberto Moravia; críticos literários, como Marisa Lajolo, Carlos Vogt, Elzira Divina Perpétua, Fernanda Miranda; historiadores, como José Carlos Sebe Bom

Meihy, e jornalistas, como Audálio Dantas, responsável pela publicação da primeira edição do livro, pela editora Francisco Alves, e Otto Lara Resende.

O livro inclui ainda dois textos inéditos, o prefácio da escritora Cidinha da Silva e um texto da pesquisadora Fernanda Miranda, além de algumas fotografias e reproduções dos manuscritos da autora.

O lançamento desta edição comemorativa ocorre simultaneamente ao da primeira edição da adaptação teatral do diário, assinada por Edy Lima e encenada em 1961, com direção de Amir Haddad, tendo a atriz Ruth de Souza no papel de Carolina Maria de Jesus.

**Os editores**

## PREFÁCIO

# A RODA GIRA

E é sobre a operacionalidade do racismo  
que precisamos conversar

Eu me autorizo a considerar que o convite para escrever este prefácio passa pelo reconhecimento da minha proximidade em relação à Carolina Maria de Jesus, no sentido de que nós duas temos projetos literários; isso me honra. Posso também pensar que o convite se relaciona com a ordem do dia da representatividade; tudo certo, não me furto às responsabilidades de escritora negra que lê o contemporâneo, e Carolina é extremamente contemporânea.

É verdade que, mesmo sendo alguém tão singular no sistema literário brasileiro, continuam a trocar-lhe o nome, invertendo a ordem de Carolina e Maria em seu nome composto e tornando-a “Maria Carolina de Jesus”. Esse equívoco, que nos diz tanto desse sistema, é cometido por jornalistas e, pasmem, por estudiosos de literatura. Contudo, republicá-la mais e mais pode ajudar as pessoas a registrarem seu nome como ele é, lerem sua obra e reverenciarem seu legado.

Fundamental também é conhecer e reverenciar a geração mais velha de escritoras negras que tratou de manter Carolina viva durante longo período de apagamento, geração composta por nomes como Conceição Evaristo, Miriam Alves e Esmeralda Ribeiro, estandartes de um bloco que desde sempre a festejou. E as gerações mais novas, a poeta Dinha e as pesquisadoras Fernanda Miranda, Gabriela Gaia, Raquel Alves dos Santos, Raffaella Fernandez, o pesquisador Mário Augusto Medeiros e a precursora na pesquisa densa sobre Carolina, Elzira Divina Perpétua, entre outros nomes.

Podemos nos beneficiar ainda do diálogo com o nonagenário Carlos de Assumpção e o octogenário Oswaldo de Camargo, poetas negros, contemporâneos de Carolina, que podem nos contar como se relacionaram com a escritora de Sacramento e como observaram sua trajetória paradoxal de cometa impulsionado e derrubado pelo racismo. Talvez eles nos contem também sobre outros escritores negros daquela época: Ruth Guimarães, Solano Trindade, Abdias Nascimento e sua relação com Carolina. Merecemos saber.

O racismo, aliás, atravessa e define a ascensão e a derrocada de Carolina Maria de Jesus no sistema literário brasileiro, aspecto insuficientemente analisado pela maioria dos pesquisadores brancos dedicados à sua obra, dos mais conhecidos e robustos àqueles restritos a artigos sobre aspectos de sua obra e trajetória. Nesse sentido, vale destacar que a análise mais frequente resvala nos “mecanismos sociais que promoveram seu destaque e laboraram também seu esquecimento”, conforme comenta Carlos Vogt na seção *Fortuna Crítica* deste volume. Esse tipo de assertiva dilui a força destruidora da discriminação racial que estigmatizou Carolina e a encastelou na imagem de “escritora favelada de sucesso”.

Alberto Moravia, em outro texto desta edição comemorativa, nos conta que Carolina enviou um manuscrito ao *Reader's Digest*, em Nova York. Essa atitude da escritora, entre tantas de mesma envergadura, pontifica algo que o livro *Quarto de despejo* compilado e editado por Audálio Dantas ofuscou, ou seja, o projeto literário de Carolina Maria de Jesus, hoje evidenciado por pesquisadoras como as que mencionei anteriormente.

José Carlos Sebe Bom Meihy afirma em “Carolina Maria de Jesus: emblema do silêncio”, também na *Fortuna Crítica* desta edição, que suas pesquisas contabilizaram mais de 1 milhão de cópias de *Quarto de despejo* vendidas em todo o mundo e o revelaram como o texto brasileiro mais publicado em todos os tempos. Fica a pergunta sobre os motivos do fascínio dessa recepção. As respostas, muito mais do que uma suposta empatia, devem passar pelo exotismo que o mercado literário mundial aplicou à imagem de Carolina, tratando de despertar extrema curiosidade pelos meandros do sofrimento, da precariedade, da miséria e da superação. Não podemos esquecer que, quando uma pessoa subalternizada vence a opressão, produz-se certo regozijo no coração da média dos opressores que gostam de se distinguir dos algozes mais terríveis. Nessa jornada heroica, a comiseração é recurso de “humanização” do opressor.

Ainda uma palavra oriunda de minhas impressões sobre as relações entre a trajetória de Carolina Maria de Jesus *versus* os pesquisadores é a seguinte

(incluirei também o Movimento Negro): continuo a me surpreender quando ouço declarações de pesquisadoras negras de literatura, gente significativa na cena literária, que tem revolucionado a pesquisa sobre escritoras negras e suas obras, dando conta de que conheceram as autoras pesquisadas há dez, doze anos, em compêndios, eventos ou artigos acadêmicos. Ora, o Movimento Negro e as autoras mais velhas que já citei aqui apresentavam as precursoras (Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros, Carolina Maria de Jesus e Ruth Guimarães, falecidas; Geni Guimarães, ainda entre nós) desde os anos 1980 pelo menos. Não se pode esquecer que as organizações do Movimento Negro sempre se viram obrigadas a saber um pouco de tudo dos universos negros para cumprir o papel extenuante de educar a população sobre o conhecimento produzido pelas pessoas negras, obliterado pelo racismo. O Movimento Negro tem tido, historicamente, um papel educador desconhecido ou desconsiderado, e para muitos é mais fácil abordar as eventuais lacunas deixadas por ele do que mergulhar em uma discussão profunda e alargada sobre a operacionalidade do racismo e seus efeitos exterminadores da humanidade das pessoas negras.

Por fim, compartilho com você, leitor, a ideia que venho amadurecendo e que já tornei pública em outras ocasiões: a de que autoras como Carolina Maria de Jesus só passarão a ser canônicas quando conseguirmos pluralizar o cânone, já que não nutro ilusões de derrubá-lo. É preciso que críticas(os), curadoras(es), professoras(es) universitárias(os), autoras e autores, editoras(es), gente do mercado editorial, especialistas e agentes do sistema literário de pertencimento negro, indígena, LGBTQIA+, oriundos de periferias, possam também ocupar as instâncias definidoras do que pode ser considerado canônico.

É estratégico compreender que Toni Morrison e Alice Walker, por exemplo, são autoras canônicas porque o cânone estadunidense é diverso e dá relevo ao que elas são e à literatura que produziram. Quando conseguirmos pluralizar o cânone brasileiro, poderemos sonhar que Carolina Maria de Jesus receba o mesmo tratamento dado aos clássicos de época, como José de Alencar.

Cidinha da Silva é escritora e autora de *Um exu em Nova York* (Rio de Janeiro: Pallas, 2018, 1ª ed.), entre outros títulos.

5 de Dezembro de 1958.

11-2

A Sêta contou-me que a filha da dona Dóia está presa. porque o seu espâso lhe pegou em adultério com um barão que tem 2 dentes de ouro.

8 de Dezembro de 1958.

11-14

De manhã o padre veio dizer a missa. Hontem elle veio com o cano capela e disse aos favelados que elles precisam ter filhas. — penso: porque ha de ser o polve quem ha de ter filhas. — se filhas de polve tem que ser operario.

11 de Dezembro de 1958.<sup>11-20</sup>

parecei que se en para a dona  
maria das coelhas que o que  
eu ganho não dá para tratar  
os filhos como se devem.

Eles não tem roupas, nem o que  
comer. E eu não paro um minuto  
isto tudo que se pode vender.  
e a miséria continua firme  
ao meu lado.

Ela disse - ne que já esta com  
nôjo de vida. Que não vê a  
hora de morrer.

ouvi seus lamentos em silêncio  
e disse - Che!

Mas já estamos predestinados  
a morrermos de, fome!

78 de Dezembro de 1958.

Vinda-me escrevendo. perguntou-me: Dona Constina, eu estou neste livro?

- Dêsea eu ver!

- Não. Que vai ler isto, é o senhor Eudalio Santos. Que vai publica-lo.

- É porque é que eu estou neste?

Você está aqui, porque naquele dia que o Arniz brigou com você e começou bater - te você saiu correndo nua para a rua. E as crianças começaram a rir e perguntavam: "Porque é que a bunda das mulheres tem colélas?"

Elas não gostam e disse-me!

- O que é, que a senhora ganha com isto?

19 de Dezembro de 1958. 11-94

Anabelle com daí de tiango  
e montando.

Daqui, é se ter nada para  
comer.

Eu mandei o  
yaco ir no feno velho vender  
um pouco de estopa e uns  
feno's. Ele ganhou 23.

percebi que havia  
melhorado. Sente na cama  
e comecei cortar as pulgas.  
A idia da morte já ia  
afastando-se, é se eu conseguisse  
fazer planos para o futuro

## *ADVERTÊNCIA AOS LEITORES*

A presente edição acrescentou novas notas de rodapé ao texto do diário, além de atualizar as da 10ª edição, de 2014.

O uso de reticências entre colchetes, recorrente ao longo do diário, indica trechos suprimidos por Audálio Dantas.

Por fim, esta edição respeita fielmente a linguagem da autora, que muitas vezes contraria a gramática, incluindo a grafia e a acentuação das palavras, mas que por isso mesmo traduz com realismo a forma de o povo enxergar e expressar seu mundo.

Este livro é dedicado aos netos de Carolina  
Maria de Jesus: Ricardo, Luciana, Marisa,  
Paulo César, Adriana, Lilian, Eliane, Elisa,  
Ana, Jackson e Rafael.



## 15 de julho de 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar.

Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros<sup>1</sup> e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne. 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se.

Passsei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doia-me. Comecei tussir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. O onibus atirou um garoto na calçada e a turba afluuiu-se. Ele estava no nucleo. Deixei uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa.

Ablui as crianças, aleitei-as e abluu-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguem. Ele não veio. Tomei um melhora<sup>2</sup> e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslisava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: — Vai buscar agua mamãe!

## 16 de julho

Levantei. Obedeci a Vera Eunice. Fui buscar agua. Fiz o café. Avisei as crianças que não tinha pão. Que tomassem café sim-

1 Cada litro se refere a um vasilhame de vidro de 1 litro, ou seja, garrafas que envasavam refrigerantes ou bebidas alcoólicas. Na época, os vasilhames eram retornáveis nos postos de venda para serem devolvidos às fábricas onde as bebidas eram engarrafadas, de modo a serem reutilizados. Quando o consumidor, ao comprar uma bebida, não levava um vasilhame vazio para a troca, geralmente pagava mais, pois o valor do vasilhame era, então, embutido no preço da bebida. (N.E.)

2

Referência à marca popular de analgésico. (N.E.)

ples e comesse carne com farinha. Eu estava indisposta, resolvi benzer-me. Abri a boca duas vezes, certifiquei-me que estava com mau olhado. A indisposição desapareceu sai e fui ao seu Manoel levar umas latas para vender. Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta. A Vera não tem sapatos. E ela não gosta de andar descalça. Faz uns dois anos, que eu pretendo comprar uma maquina de moer carne. E uma maquina de costura.

\_\_\_\_\_ Cheguei em casa, fiz o almoço para os dois meninos. Arroz, feijão e carne. E vou sair para catar papel. Deixei as crianças. Recomendéi-lhes para brincar no quintal e não sair na rua, porque os pessimos vizinhos que eu tenho não dão socego aos meus filhos. Sai indisposta, com vontade de deitar. Mas, o pobre não repousa. Não tem o privilegio de gosar descanso. Eu estava nervosa interiormente, ia maldizendo a sorte [...] Catei dois sacos de papel. Depois retornei, catei uns ferros, uma latas, e lenha. Vinha pensando. Quando eu chegar na favela vou encontrar novidades. Talvez a D. Rosa ou a indolente Maria dos Anjos brigaram com meus filhos. Encontrei a Vera Eunice dormindo e os meninos brincando na rua. Pensei: são duas horas. Creio que vou passar o dia sem novidade! O João José veio avisar-me que a perua que dava dinheiro estava chamando para dar mantimentos. Peguei a sacola e fui. Era o dono do Centro Espirita da rua Vergueiro 103. Ganhei dois quilos de arroz, idem de feijão e dois quilos de macarrão. Fiquei contente. A perua foi-se embora. O nervoso interior que eu sentia ausentou-se. Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto. Quando iniciei outro surgiu os filhos pedindo pão. Escrevi um bilhete e dei ao meu filho João José para ir ao Arnaldo comprar um sabão, dois melhoraes e o resto pão. Puis agua no fogão para fazer café. O João retornou-se. Disse que havia perdido os melhoraes. Voltei com ele para procurar. Não encontramos.

\_\_\_\_\_ Quando eu vinha chegando no portão encontrei uma multidão. Crianças e mulheres, que vinha reclamar que o José Carlos havia apedrejado suas casas. Para eu repreendê-lo.

## 17 de julho

Domingo. Um dia maravilhoso. O céu azul sem nuvem. O Sol está tepido. Deixei o leite as 6,30. Fui buscar água. Fiz café. Tendo só um pedaço de pão e 3 cruzeiros. Dei um pedaço a cada um, pois feijão no fogo que ganhei ontem do Centro Espirita da Rua Vergueiro 103. Fui lavar minhas roupas. Quando retornei do rio o feijão estava cosido. Os filhos pediram pão. Dei os 3 cruzeiros ao João José para ir comprar pão. Hoje é a Nair Mathias quem começou impricar com os meus filhos. A Sílvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. Ele está lhe espancando. E eu estou revoltada com o que as crianças presenciaram. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais decente.

Fui na D. Florela pedir um dente de alho. E fui na D. Anália. E recebi o que esperava:

— Não tenho!

Fui torcer as minhas roupas. A D. Aparecida perguntou-me:

— A senhora está grávida?

— Não senhora — respondi gentilmente.

E lhe chinguei interiormente. Se estou grávida não é de sua conta. Tenho pavor destas mulheres da favela. Tudo quer saber! A língua delas é como os pés de galinha. Tudo espalha. Está circulando rumor que eu estou grávida! E eu, não sabia!

Saí a noite, e fui catar papel. Quando eu passava perto do campo do São Paulo<sup>3</sup>, várias pessoas saíam do campo. Todas brancas, só um preto. E o preto começou insultar-me:

— Vai catar papel, minha tia? Olha o buraco, minha tia.

Eu estava indisposta. Com vontade de deitar. Mas, prossegui. Encontrei várias pessoas amigas e parava para falar. Quando eu subia a Avenida Tiradentes encontrei umas senhoras. Uma perguntou-me:

— Sarou as pernas?

Depois que operei, fiquei boa, graças a Deus. E até pude dançar no Carnaval, com minha fantasia de penas. Quem operou-me foi o Dr. José Torres Netto. Bom médico. E falamos de políticos. Quando uma senhora perguntou-me o que acho do Carlos Lacerda<sup>4</sup>, respondi concientemente:

— Muito inteligente. Mas não tem educação. É um político de cortiço. Que gosta de intriga. Um agitador.

### 3

Na época, o campo do São Paulo Futebol Clube localizava-se no bairro do Canindé, onde hoje é o estádio da Portuguesa de Desportos. (N.E.)

### 4

Carlos Lacerda (1914-1977): político carioca, opositor ferrenho do segundo governo de Getúlio Vargas. Em 1954 sofreu um atentado, no qual morreu o major Rubens Vaz, fato que desencadeou grave crise política no país. (N.E.)

Uma senhora disse que foi pena! A bala que pegou o major podia acertar no Carlos Lacerda.

— Mas o seu dia... chegará — comentou outra.

Várias pessoas afluíram-se. Eu, era o alvo das atenções. Fiquei apreensiva, porque eu estava catando papel, andrajosa [...] Depois, não mais quiz falar com ninguém, porque precisava catar papel. Precisava de dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa para comprar pão. Trabalhei até as 11,30. Quando cheguei em casa era 24 horas. Esquentei comida, dei para a Vera Eunice, jantei e deitei-me. Quando despertei, os raios solares penetrava pelas frestas do barracão.

## 18 de julho

Levantei as 7 horas. Alegre e contente. Depois que veio os aborrecimentos. Fui no depósito receber... 60 cruzeiros. Passei no Arnaldo. Comprei pão, leite, paguei o que devia e reservei dinheiro para comprar Licor de Cacaú<sup>5</sup>

5  
Referência a um famoso vermífugo ministrado às crianças na época, não à bebida alcoólica feita de cacau. (N.E.)

para Vera Eunice. Cheguei no inferno. Abri a porta e pus os meninos para fora. A D. Rosa, assim que viu o meu filho José Carlos começou impricar com ele. Não queria que o menino passasse perto do barracão dela. Saiu com um pau para espancá-lo. Uma mulher de 48 anos brigar com criança! As vezes eu saio, ela vem até a minha janela e joga o vaso de fezes nas crianças. Quando eu retorno, encontro os travesseiros sujos e as crianças fétidas. Ela odeia-me. Diz que sou preferida pelos homens bonitos e distintos. E ganho mais dinheiro do que ela.

Surgiu a D. Cecília. Veio repreender os meus filhos. Lhe joguei uma direta, ela retirou-se. Eu disse:

— Tem mulher que diz saber criar os filhos, mas algumas tem filhos na cadeia classificado como mau elemento.

Ela retirou-se. Veio a indolente Maria dos Anjos. Eu disse:

— Eu estava discutindo com a nota, já começou chegar os trocos. Os centavos. Eu não vou na porta de ninguém. É vocês quem vem na minha porta aborrecer-me. Eu nunca chinguei filhos de ninguém, nunca fui na porta de vocês reclamar contra seus filhos. Não pensa que eles são santos. É que eu tolero crianças.

Veio a D. Silvia reclamar contra os meus filhos. Que os meus filhos são mal educados. Mas eu não encontro defeito nas crianças. Nem nos meus nem nos dela. Sei que criança não nasce com senso. Quando falo com uma criança lhe dirijo palavras agradáveis. O que aborrece-me é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior [...] Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar o meu caráter. A única coisa que não existe na favela é solidariedade.

Veio o peixeiro Senhor Antonio Lira e deu-me uns peixes. Vou fazer o almoço. As mulheres saíram, deixou-me em paz por hoje. Elas já deram o espetáculo. A minha porta atualmente é teatro. Todas crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatorios. Elas alude que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas, são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade.

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas.

Não casei e não estou descontente. Os que preferiu-me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis.

Tem a Maria José, mais conhecida por Zefa, que reside no barracão da Rua B numero 9. É uma alcoolatra. Quando está gestante bebe demais. E as crianças nascem e morrem antes dos doze meses. Ela odeia-me porque os meus filhos vingam e por eu ter radio. Um dia ela pediu-me o radio emprestado. Disse-lhe que não podia emprestar. Que ela não tinha filhos, podia trabalhar e comprar. Mas, é sabido que pessoas que são dadas ao vicio da embriaguês não compram nada. Nem roupas. Os ebrios não prosperam. Ela as vezes joga agua nos meus filhos. Ela alude que eu não expanco os meus filhos. Não sou dada a violência. O José Carlos disse:

— Não fique triste mamãe! Nossa Senhora Aparecida há de ter dó da senhora. Quando eu crescer eu compro uma casa de tijolos para a senhora.

Fui catar papel e permaneci fora de casa uma hora. Quando retornei vi varias pessoas as margens do rio. É que lá estava um senhor inconciente pelo alcool e os homens indolentes da favela lhe vasculhavam os bolsos. Roubaram o dinheiro e rasgaram os documentos [...] É 5 horas. Agora que o Senhor Heitor

6 Na verdade, Partido Socialista Brasileiro, que tinha apoiado Jânio Quadros ao governo do Estado de São Paulo no ano anterior e que então apoiava Juarez Távora à Presidência da República. (N.E.)

7 Jânio Quadros (1917-1992): vereador e deputado estadual por São Paulo, foi prefeito da capital e governador do Estado, antes de chegar à Presidência da República em 1961, renunciando sete meses depois de assumir o cargo. (N.E.)

8 Ademar de Barros (1901-1969): político paulista, foi por duas vezes governador do Estado. (N.E.)

9 Referência a Leonor Mendes de Barros (1905-1992), esposa de Ademar de Barros e, portanto, primeira-dama do estado de São Paulo. Por ter sido bastante atuante em atividades filantrópicas, deu nome a escolas e a um hospital e maternidade da capital paulista, referência em banco de leite. (N.E.)

ligou a luz! E eu, vou lavar as crianças para irem para o leito, porque eu preciso sair. Preciso dinheiro para pagar a luz. Aqui é assim. A gente não gasta luz, mas precisa pagar. Saí e fui cortar papel. Andava depressa porque já era tarde. Encontrei uma senhora. Ia maldizendo sua vida conjugal. Observei mas não disse nada. [...] Amarrei os sacos, pois as latas que catei no outro saco e vim para casa. Quando cheguei liguei o radio para saber as horas. Era 23,55. Esquentei comida, li, despi-me e depois deitei. O sono surgiu logo.

19 de julho

Despertei as 7 horas com a conversa dos meus filhos. Deixei o leito, fui buscar água. As mulheres já estavam na torneira. As latas em fila. Assim que cheguei a Florenciana perguntou-me:

— De que partido é aquela faixa?

Li P.S.B. e respondi Partido Social Brasileiro<sup>6</sup>. Passou o Senhor Germano, ela perguntou novamente:

— Senhor Germano, esta faixa é de que partido?

— Do Janio<sup>7</sup>!

Ela rejubilou-se e começou dizer que o Dr. Adhemar de Barros<sup>8</sup> é um ladrão. Que só as pessoas que não presta é que aprecia e acata o Dr. Adhemar. Eu, e D. Maria Puerta, uma espanhola muito boa, defendíamos o Dr. Adhemar. D. Maria disse:

— Eu, sempre fui ademarista. Gosto muito dele, e de D. Leonor<sup>9</sup>.

A Florenciana perguntou:

— Ele já deu esmola a senhora?

— Já, deu o Hospital das Clínicas.

Chegou a minha vez, pois a minha lata para encher. A Florenciana prosseguiu elogiando o Janio. A água começou diminuir na torneira. Começaram a falar da Rosa. Que ela carregava água desde as 4 horas da madrugada, que ela lavava toda roupa em casa. Que ela precisa pagar 20 cruzeiros por mês. Minha lata encheu, eu vim embora.